

CITRICULTURA

Um novo visual com as lavouras

Pomares de laranja já começam a chamar a atenção na paisagem agrícola do Paraná

Maria Flores
(Londrina - PR)

Especial para o MultiRural

A citricultura no norte do Paraná começa a render seus primeiros frutos. Na região de Rolândia, a 20 Km de Londrina, os agricultores estão colhendo 13.500 caixas de laranja, que estão sendo vendidas in natura para atacadistas e supermercados por U\$ 3,00 a caixa, um dólar acima da média.

O plantio da laranja na região faz parte de um projeto de integração desenvolvido pela Corol - Cooperativa Agropecuária Rolândia. A primeira colheita vem do que a Cooperativa chama de "pomar experimental", conduzido sob a orientação de técnicos do Instituto Agronômico do Paraná.

Até janeiro do ano que vem, os cooperados que aderiram ao projeto estarão terminando de plantar 850 hectares de laranja. Mas o número de citricultores vai aumentar muito. Em dezembro a Cooperativa espera a liberação de recursos do BNDES na ordem de R\$ 5 milhões para o financiamento de 3.100 hectares de laranja. Em 3 anos, a área vai estar produzindo matéria-prima suficiente para abastecer o Packing House e a Fábrica de Cítricos, um investimento de U\$ 16 mil. A indústria, projetada para entrar em funcionamento em 1997, deve esmagar quatro milhões de caixas de laranja, mas se torna viável com apenas um milhão de caixas.

Na opinião do vice-presidente da Corol, Paulo Zanetti, a laranja é o "carro-chefe" de outras frutas que podem ser implantadas na região, como a banana, o abacaxi e o maracujá. "A fruticultura é o futuro do Paraná e vem em substituição a culturas como a soja e o trigo, que são menos rentáveis, empurram o homem do campo para os grandes centros e não agregam valores como as frutas" (veja quadro), afirma Zanetti.

Segundo Zanetti, o projeto da Corol não é transformar a região em pomar, mas sim integrar a produção de laranja com a produção de outros produtos agrícolas, como a banana, o abacaxi e o maracujá, que são menos rentáveis, empurram o homem do campo para os grandes centros e não agregam valores como as frutas. "A fruticultura é o futuro do Paraná e vem em substituição a culturas como a soja e o trigo, que são menos rentáveis, empurram o homem do campo para os grandes centros e não agregam valores como as frutas" (veja quadro), afirma Zanetti.

Segundo Zanetti, o projeto da Corol não é transformar a região em pomar, mas sim integrar a produção de laranja com a produção de outros produtos agrícolas, como a banana, o abacaxi e o maracujá, que são menos rentáveis, empurram o homem do campo para os grandes centros e não agregam valores como as frutas. "A fruticultura é o futuro do Paraná e vem em substituição a culturas como a soja e o trigo, que são menos rentáveis, empurram o homem do campo para os grandes centros e não agregam valores como as frutas" (veja quadro), afirma Zanetti.

em mais um pólo (ou monopólio) da laranja, como acontece no interior de São Paulo. "A idéia é incentivar-nos o plantio de culturas nobres e diversificadas, que garantam lucro para o produtor o ano todo", diz.

Diversificação na prática

A propriedade do agricultor Cláudio Kaphan



Produtor Cláudio Kaphan (à esquerda): desinfeção antes de entrar no pomar. No Norte a ordem é diversificar a produção.

da lavoura uma espécie de estação de desinfecção. Ninguém entra no pomar antes de desinfetar os sapatos com uma solução bactericida. Um cuidado que nem todos tem, mas que garante uma lavoura livre de doenças.

Satisfeito com o investimento, Kaphan terminou de plantar este ano mais 27 mil pés de laranja. Mas afirma que a cultura não vai ocupar o espaço das outras. Para ele, a diversificação, com várias culturas permanentes, é o caminho para uma agricultura moderna. E quem fala isso, é um produtor que já ganhou muito dinheiro com o café. Mas também perdeu milhões, numa única noite de geada.



Pequeno empresário da laranja

O espremedor de laranja é um eletrodoméstico que já começa a fazer parte do passado. Com o plantio da laranja no Paraná, uma nova realidade toma conta dos supermercados e dos hábitos das donas de casa. São os sucos de laranja natural engarrafados, com prazo de validade para dois dias, uma boa opção para os consumidores que ainda não se acostumaram com o sabor dos sucos industrializados.

Os pequenos empresários do suco estão por toda parte. Em Rolândia, Washington Rocha é um deles. Com uma máquina americana no valor de U\$ 23 mil, ele espreme diariamente 250 litros de suco de laranja, que são distribuídos em supermercados, lanchonetes e padarias da região. Isso é apenas o começo, já que a máquina tem capacidade para espremer 100 litros de suco por hora.

Para dar conta do recado e da sede de seus clientes, Washington começa o trabalho às cinco horas da manhã. Mas não se queixa. "Está compensando", diz ele, computando uma margem de lucro em torno de 20% a cada litro vendido a R\$ 1,20. "É preciso ter qualidade e preço, e isto só depende de uma boa compra da laranja", explica. O empresário tem planos de comprar laranja diretamente do produtor, para evitar custos de frete e vender os sucos também por entrega programada à domicílio. "Toda manhã, o consumidor vai ter na porta de casa, além do leite, o suco de laranja", diz. Um luxo para quem quer vitamina C, sem sair da cama.



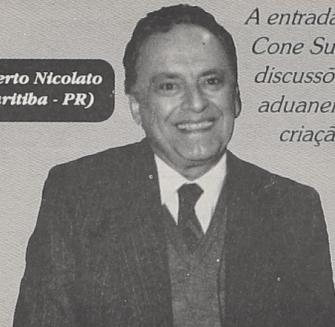
tando uma margem de lucro em torno de 20% a cada litro vendido a R\$ 1,20. "É preciso ter qualidade e preço, e isto só depende de uma boa compra da laranja", explica. O empresário tem planos de comprar laranja diretamente do produtor, para evitar custos de frete e vender os sucos também por entrega programada à domicílio. "Toda manhã, o consumidor vai ter na porta de casa, além do leite, o suco de laranja", diz. Um luxo para quem quer vitamina C, sem sair da cama.

LEILÃO DE GADO EM GERAL

LEILOEIRO RURAL OFICIAL
RODRIGO PINHEIRO MACHADO
(042) 224-5863
PONTA-GROSSA

ENTREVISTA / MERCOSUL

"Países vão negociar em bloco"

Roberto Nicolato
(Curitiba - PR)

Fernando Miranda

A entrada em vigor do Mercosul, que vai integrar as economias dos quatro países do Cone Sul - Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai - a partir de janeiro de 95 provoca discussões em vários setores da agropecuária nacional. A criação de entrepostos aduaneiros nas áreas de produção, formação de consórcios de pequenas empresas e criação de empresas binacionais são as principais propostas defendidas pelo diretor da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AIB), Fernando Miranda, para aumentar a competitividade dos países que integram o Mercosul. Empresário do setor de importação e exportação, Fernando Miranda foi secretário de Indústria e Comércio do Estado do Paraná, na gestão João Elísio e secretário de Assuntos Externos do governo Álvaro Dias. Além de diretor da AIB, atualmente ocupa o cargo de presidente da Câmara de Comércio Três Américas e é consultor das Nações Unidas no Gatt.

MultiRural - Como o sr. avalia a competitividade da agricultura brasileira no contexto do Mercosul?

F. Miranda - É importante destacar que o Brasil terá muitas vantagens com o Mercosul, inclusive no setor agropecuário. Mas dentro de uma nova tendência mundial, os países que formam o Mercosul não devem ser competitivos uns com os outros. Temos que ser solidários porque a competição pode sugerir que estamos ficando abaixo de nós economicamente. O que não é bom para ninguém. Seguindo uma política de alianças e integração, é importante que os outros países do Mercosul e da América Latina também cresçam para, assim, intensificar o comércio com o Brasil.

MultiRural - Que tipo de repercussão pode provocar na economia dos países membros a criação de uma tarifa externa comum no Mercosul?

F. Miranda - É muito importante que o setor rural esteja atento no momento em que se busca a criação de uma Tarifa Externa Comum, a TEC. A redução de tarifa para alguns produtos pode significar a perda de mercado para o país e o pior: a possibilidade de produzir esses produtos. Uma política incorreta nesta direção vai representar realmente um suicídio para determinadas áreas. O Paraná tem um exemplo bem vivo que foram as importações de algodão. Acho que a discussão

MultiRural - Neste caso, os países passariam a atuar no mercado através dos megablocos?

F. Miranda - É isso mesmo. Na área tecnológica da agroindústria, temos a possibilidade de reapassarmos muito do que sabemos, por exemplo, à Argentina, Uruguai e Paraguai, que estão mais próximos do Paraná, e também recebermos muitos frutos. Podemos promover exportações conjuntas para terceiros países, inclusive em megablocos, utilizando inclusive os canais de exportações de carne conquistados pela Argentina na Europa. É importante identi-

ficarmos os pontos comuns, convergentes para crescermos juntos. Hoje o mundo está se polarizando em megablocos. Temos com os outros países da América Latina o famoso Pacto Andino e lá em cima o Nafta, formado pelo Canadá, México e Estados Unidos, além de outros megablocos mundiais. Podemos fazer exportações conjuntas através de consórcios de pequenas e médias empresas, formação de empresas binacionais, joint ventures e outros tipos de associações.

MultiRural - O sr. acredita que a integração dos países do Cone Sul possa se transformar num somatório de forças para reivindicar junto ao Gatt o fim dos subsídios agrícolas nos países do primeiro mundo?

F. Miranda - O Gatt está em fase terminal. Ele renasce como um novo organismo, a OMC (Organização Mundial de Comércio), a partir de janeiro 95. Mas este novo organismo precisa ser referendado até o final deste ano pelo nosso Congresso para que o Brasil possa participar junto com mais 123 países. O Brasil enfrenta algumas dificuldades com relação aos subsídios. Os EUA e Canadá estão apresentando agora uma nova forma de subsídio, o chamado subsídio social que pela baixa remuneração do trabalhador rural os produtos originários dessas regiões seriam considerados prejudiciais à economia de outros países, portanto levando uma acusação de dumping, que seria uma concorrência desleal. Isso é extremamente perigoso,

pois pode atingir regiões como o Brasil. Por isso, precisamos ficar muito atentos para lutar pelo nosso produto. Por outro lado, a OMC abre uma grande possibilidade porque ela começa a deixar estes subsídios, principalmente os que estão sendo praticados na Europa, com muito mais transparência. Uma maneira de enfraquecê-los e fazer com que gradativamente possam vir a desaparecer.

MultiRural - Que tipo de medidas podem ser tomadas para incentivar o setor rural e da agroindústria para que tenha maior competitividade no Mercosul?

F. Miranda - Hoje, o Mercosul representa o maior crescimento percentual para as exportações brasileiras. A tendência é este comércio crescer ainda mais. Olhando com uma visão de futuro, em pouco tempo o Mercosul vai estar unido ao Nafta, o que abre grandes possibilidades de ampliar as nossas exportações, além de outros acordos que serão feitos com os megablocos. Atualmente, o comércio interregional do Mercosul é da ordem de U\$ 6 bilhões, representando apenas 8,5% do intercâmbio global, dos diferentes países. Em outras palavras, o Mercosul está representando uma verdadeira integração comercial. Cerca de 60,5% das mercadorias importadas pelo Brasil são de origem agrícola, principalmente da Argentina.

MultiRural - Quais são os produtos que o Brasil tem mais competitividade na relação comercial com a Argentina?

F. Miranda - A Argentina tem vantagens competitivas sobre vários de nossos produtos agrícolas como por exemplo o alho, a batata, cebola, carne bovina, couro, soja e girassol. O trigo, a carne e os produtos lácteos representam quase 55% do total importado pelo Brasil do Mercosul. A integração terá efeitos positivos para produtos brasileiros como café, açúcar, cacau e derivados, frutas tropicais e cítricas, frangos e cigarras. No outro extremo, os produtores de arroz, trigo, carnes, couro, vão precisar de formas de defesa. Neste caso, a harmonização e estabilização de políticas macroeconômicas na área agrícola, como preço mínimo, financiamento, liberação de estoque, legislação, sistema de comercialização, tarifas externas comuns para os estados-membros são decisivas nesta época de transição.

MultiRural - Que tipo de medidas podem ser tomadas para incentivar o setor rural e da agroindústria para que tenha maior competitividade no Mercosul?

F. Miranda - Uma das medidas seria a criação de entrepostos aduaneiros junto às áreas de produção, junto a cooperativas, pequenos e médios produtores. Nestes armazéns vão ficar os estoques estratégicos, que podem ser transportados por ferrovia ou rodovia para os portos, na época certa. O sistema funciona da seguinte forma: com um recibo de entrega do produto, o agricultor vai ao banco que lhe dá um crédito de até 80% do valor daquela mercadoria. Isto porque o banco tem o produto como garantia. Com isso, o produtor vai poder reciclar a sua produção, com um crédito rotativo que não é de maneira alguma inflacionário. Esta medida seria de grande eficiência dentro do processo de criação do Mercosul porque hoje o produtor brasileiro enfrenta problemas de crédito e juros elevados. Outro mecanismo é a formação de consórcios de exportação e importação de pequenas e médias empresas dos quatro países, além de empresas comercializadoras binacionais. Temos que pensar que no Mercosul nenhum país deve sobrepôr ao outro. O Brasil não tem outro caminho senão a integração se se pretende fortalecer o seu comércio externo.

"O BRASIL ENFRENTA ALGUMAS DIFICULDADES COM RELAÇÃO AOS SUBSÍDIOS".

MultiRural - Como estão as exportações brasileiras para o Mercosul? Qual o significado deste mercado para o Brasil?

F. Miranda - Hoje, o Mercosul representa o maior crescimento percentual para as exportações brasileiras. A tendência é este comércio crescer ainda mais. Olhando com uma visão de futuro, em pouco tempo o Mercosul vai estar unido ao Nafta, o que abre grandes possibilidades de ampliar as nossas exportações, além de outros acordos que serão feitos com os megablocos. Atualmente, o comércio interregional do Mercosul é da ordem de U\$ 6 bilhões, representando apenas 8,5% do intercâmbio global, dos diferentes países. Em outras palavras, o Mercosul está representando uma verdadeira integração comercial. Cerca de 60,5% das mercadorias importadas pelo Brasil são de origem agrícola, principalmente da Argentina.

MultiRural - Quais são os produtos que o Brasil tem mais competitividade na relação comercial com a Argentina?

F. Miranda - A Argentina tem vantagens competitivas sobre vários de nossos produtos agrícolas como por exemplo o alho, a batata, cebola, carne bovina, couro, soja e girassol. O trigo, a carne e os produtos lácteos representam quase 55% do total importado pelo Brasil do Mercosul. A integração terá efeitos positivos para produtos brasileiros como café, açúcar, cacau e derivados, frutas tropicais e cítricas, frangos e cigarras. No outro extremo, os produtores de arroz, trigo, carnes, couro, vão precisar de formas de defesa. Neste caso, a harmonização e estabilização de políticas macroeconômicas na área agrícola, como preço mínimo, financiamento, liberação de estoque, legislação, sistema de comercialização, tarifas externas comuns para os estados-membros são decisivas nesta época de transição.

MultiRural - Que tipo de medidas podem ser tomadas para incentivar o setor rural e da agroindústria para que tenha maior competitividade no Mercosul?

F. Miranda - Uma das medidas seria a criação de entrepostos aduaneiros junto às áreas de produção, junto a cooperativas, pequenos e médios produtores. Nestes armazéns vão ficar os estoques estratégicos, que podem ser transportados por ferrovia ou rodovia para os portos, na época certa. O sistema funciona da seguinte forma: com um recibo de entrega do produto, o agricultor vai ao banco que lhe dá um crédito de até 80% do valor daquela mercadoria. Isto porque o banco tem o produto como garantia. Com isso, o produtor vai poder reciclar a sua produção, com um crédito rotativo que não é de maneira alguma inflacionário. Esta medida seria de grande eficiência dentro do processo de criação do Mercosul porque hoje o produtor brasileiro enfrenta problemas de crédito e juros elevados. Outro mecanismo é a formação de consórcios de exportação e importação de pequenas e médias empresas dos quatro países, além de empresas comercializadoras binacionais. Temos que pensar que no Mercosul nenhum país deve sobrepôr ao outro. O Brasil não tem outro caminho senão a integração se se pretende fortalecer o seu comércio externo.